



*alejandra pizarnik*



*antologia poética*

SELECÇÃO E PREFÁCIO  
ANA BECCIÚ E PATRICIO FERRARI

TRADUÇÃO  
FERNANDO PINTO DO AMARAL

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXX

Obra editada en el marco del Programa «Sur» de Apoyo a las Traducciones del Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto de la República Argentina.

Obra editada no âmbito do Programa «Sur» de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina.

PARCERIA COM A FUNDAÇÃO CUPERTINO DE MIRANDA



NOTA EDITORIAL

Apesar dos nossos esforços, não foi possível publicar, como desejávamos, e como é habitual na colecção, uma edição bilingue.

© desta edição: 2020, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

© Poemas: Myriam Pizarnik  
© Seleção e prefácio: Ana Becció e Patricio Ferrari

Título: *Antologia Poética*  
Autora: Alejandra Pizarnik  
Coordenador da colecção: Pedro Mexia  
Seleção e prefácio: Ana Becció e Patricio Ferrari  
Tradução: Fernando Pinto do Amaral  
Revisão: Madalena Alfaia  
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Março de 2020

ISBN 978-989-671-539-7  
DEPÓSITO LEGAL N.º: 467258/20

## PREFÁCIO

Ana Becció e Patricio Ferrari

*Una extranjera: no empleo las expresiones como corresponde.  
He creído sola, a mi manera.\**

Uma revisão atenta dos papéis de Alejandra Pizarnik — esboços de poemas, textos inacabados ou simplesmente raturados, numerosas citações compiladas a cores numa letra minúscula, definições de palavras e frases coligidas em fichas como quem aprende uma língua estrangeira, entre outros materiais — fornece uma ideia de como, paulatina e conscientemente, a poeta constrói a sua obra. Palavra a palavra, o seu acervo — incluindo os diários\*\*, que manteve durante pouco mais de vinte anos, entre aproximadamente 1950 e 1972 — revela o devir de uma linguagem própria, um processo singular no qual se fundem e confundem vozes alheias, se amam e amalgamam diferentes literaturas.

\* Escrito num caderno em espiral, de capa laranja e folhas quadriculadas, datado de 1969 e rotulado «P[alais] V[ocabulaire] 1», do qual Pizarnik se terá servido em momentos de leitura e escrita. (Caixa 4, pasta 7; Alejandra Pizarnik Papers / Universidade de Princeton). Entre 2002 e 2004, a Universidade de Princeton adquiriu o acervo de Pizarnik — composto por manuscritos, dactiloscritos e documentos mistos —, em parte inédito. Já a biblioteca particular da autora ficou albergada em duas bibliotecas públicas de Buenos Aires. A colecção de livros em francês e espanhol — muitos deles com marginalia — encontra-se dividida entre a Biblioteca de los Maestros e a Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

\*\* Alejandra Pizarnik, *Diarios* (ed. Ana Becció, Barcelona: Penguin Random House, 2013).

Natural de Buenos Aires, sendo os seus pais originários de Równe (actualmente na Ucrânia)\*, Pizarnik dialoga com o mundo dos vivos e dos mortos — clássicos, modernos, contemporâneos —, reescrevendo, ou tentando reescrever, o poema único, espaço de convocatória plural, como se depreende de um dos seus textos publicados em 1968:

*Dentro de unos pocos versos suelen esperarme los ojos de quien yo sé; las cosas reconciliadas, las hostiles, las que no cesa de aportar lo desconocido [...]. Desde allí la invocación, la evocación, la conjuración.\*\**

Poema-morada, talvez, ponto de fuga. Pois escrever esse poema único implica, como afirma no mesmo texto, ser uma trilogia: «yo; el poema; el destinatario.» Uma vez concluída a escrita, mantém-se a consciência de que o destino do texto não depende do seu autor — mesmo quando os versos parecem unívocos, como no poema «Só um nome»\*\*\*, que, de maneira quase programática, anuncia o início da sua obra:

\* Todos os membros de ambos os lados da família que permaneceram em Równe (à época, parte da região administrativa da Polónia, entre 1918 e 1939) foram assassinados. Antes da Segunda Guerra Mundial e durante a ocupação alemã (1941-44), a cidade estava localizada na Polónia. Permaneceu parte da Ucrânia soviética até à dissolução da União Soviética, em 1991, ano em que o Parlamento ucraniano adoptou oficialmente o nome Rivne. Os pais de Pizarnik nunca retornaram à sua terra natal.

\*\* «Prólogos a la antología consultada de la joven poesía argentina», incluído em *Prosa Completa de Alejandra Pizarnik* (ed. Ana Becció, Barcelona: Lumen, 2002, pp. 299-300). Texto inicialmente recolhido em *Quince Poetas* (ed. César Magrini, Buenos Aires: Centurión, 1968).

\*\*\* Título do poema que encerra *La Última Inocencia*, segundo livro de Pizarnik, publicado em 1956.

alejandra alejandra  
debaixo estou eu  
alejandra

\*

A partir de 1964, regressada a Buenos Aires após quatro anos em Paris — etapa formativa e intelectualmente transformadora —, Pizarnik dedica-se à tarefa de redigir uma quantidade importante de textos, entre os quais os seus diários parisienses. Pouco antes, em 1962, tinha surgido *Árbol de Diana*, livro composto em Paris e publicado em Buenos Aires pela prestigiada editora *Sur*, com prólogo de Octavio Paz, que Pizarnik conhecera pouco tempo antes na capital francesa. Com este livro de poemas breves e intensos, dispostos como desenhos sobre a página-espaço, Pizarnik inaugura um estilo de depuração próprio. *Los Trabajos y las Noches*, publicado três anos depois, acaba por cimentar esse cunho «alejandrino» — palavras apelativas, transparentes, talismânicas —, como se poderá apreciar nos dezoito poemas seleccionados para este livro. Quase meio século após a sua morte, este cunho é inconfundível — como a presença da música na pintura de Paul Klee ou a aparente simplicidade na cena de um filme de Bergman, ambos artistas referidos na escrita de Alejandra.

A ambição de exactidão e de objectividade que a obrigava a trabalhar a linguagem é frequentemente mencionada nos seus diários e reveste-se de um desejo obsessivo de lhe recuperar uma materialidade, como se pode ler na entrada de 24 de Fevereiro, um resumo do ano de 1963:

*Las palabras son cosas y las cosas palabras. Como no puedo nunca otorgar realidad a las cosas las nombro y creo en sus nombres (el nombre se vuelve real y la cosa nombrada es la fantasma del nombre). Ahora sé por qué escribo los poemas que escribo que son inmóviles y estáticos como cosas. Es mi sueño de materialismo dentro del sueño.*<sup>7</sup>

Nos resumimos correspondentes ao período de Paris, nota-se uma extrema necessidade de síntese. Estamos perante uma estética que se aproxima dos poemas publicados em livros entre 1968 e a sua morte, em 1972.

Pizarnik revê e reescreve, procede na escrita como quem precisa de curar uma ferida — essa mesma de que fala o místico flamengo do século XIV, Jan van Ruysbroeck, lido e citado por ela em francês, como revela a epígrafe desse texto admirável que é «Extracção da pedra da loucura», de 1968:

*Elles, les âmes [...], sont malades et elles souffrent et nul ne leur porte-remède; elles sont blessées et brisées et nul ne les panse.*

Corrigir as palavras uma a uma equivale a sanar, a sarar a iminência de toda a escrita que busca transcender o imediato e a contingência do mundo, incluindo o sujeito. Nada na escrita de Alejandra Pizarnik cultiva a facilidade sentimental. Os poemas emitem sinais destinados a um tu invocável que está em nós, seus leitores. E nós também, tal como a poeta, arriscamos ler esses textos que nos in-

\* Diarios, pp. 1023 e 1100 n. 4.

vocam e nos evocam com palavras que aludem a algo de uma ordem que nos excede.

Corrigir as palavras também implica, para Pizarnik, estar consciente da presença da língua estrangeira no seio familiar. Curar-se da língua «que castra», como dirá da língua materna, o iídiche exilado, que subjaz aos seus textos — dando sentido ao poema com algo que nos interpela fundamentalmente: não há ninguém para escutar o que o sujeito dirá quando diz *eu*. Tarefa rectificadora da memória, acção que tenta reparar o sentido, reorganizar a linguagem, limpando as palavras da sua falsidade e do des-sentido.

Nos dois ou três últimos anos de vida — Pizarnik suicida-se em 1972, aos 36 anos —, acentua-se a sua experiência de esbater as fronteiras entre géneros literários, como testemunha «Sala de psicopatologia», aqui antologiado\*. *El Infierno Musical* é publicado em 1971, um último livro que, na sua maior parte, foi composto anos antes em Paris e inclui textos como «L'obscurité des eaux»\*\*. A escrita de poesia, entretanto, não cessa. Do mesmo ano data também *Los Pequeños Cantos*, publicado em Caracas.

No fim da vida, Pizarnik compõe, entre outros, os textos em prosa «La Bucanera de Pernambuco». Estava a

\* Texto escrito durante uma das suas estadias no Hospital Pirovano, em Coghlan, bairro de Buenos Aires. Fundado em 1896, este hospital conta com um serviço dedicado à saúde mental.

\*\* Os textos em francês foram publicados postumamente, no livro *The Galloping Hour: French Poems* (ed. Patricio Ferrari, trad. Patricio Ferrari e Forrest Gander, Nova Iorque: New Directions, 2018). Dos três poemas franceses incluídos, nesta edição, na secção «Circa 1962 | Paris», existem testemunhos originais de tradução-transcrição de Pizarnik em espanhol, ainda inéditos.

desfazer o estilo *alejandrino* dos anos 1960. As suas amizades literárias mais íntimas, maiores que ela, não aprovavam. Os mais novos, muito mais jovens que ela e que ainda não tinham publicado livro algum, sentiam que nestas páginas algo de novo estava a acontecer à poesia moderna argentina.

\*

Esta antologia, a primeira desta envergadura em Portugal, organiza-se cronologicamente. Procurámos abranger os diversos períodos estéticos de Alejandra Pizarnik, desde poemas do seu primeiro livro, *La Tierra Más Ajena* (1955) até *Los Pequeños Cantos* (1971) e outros póstumos, incluindo alguns dos poemas em prosa franceses concebidos em Paris.

Fugazmente prolífica, lúcida, hábil na sua incapacidade quotidiana, Alejandra é uma poeta sem concessões, em perpétua construção literária, uma poeta das grandes emoções, pois existem emoções que não passam; que, pelo contrário, se fortalecem. Fio a fio, uma poesia tecida com palavras alheias, elos próprios, fazendo uso de singulares mecanismos, associações e sons onde surpreende a clareza, a exigência constante de superação. Alejandra, plural na sua formação, na sua transformação. Primitiva e capaz — Alejandra, filha e estrangeira de si.

de  
LA TIERRA MÁS AJENA  
(1955)

## DIAS CONTRA O SONHO

Não querer alvos que giram  
em planta movediça.  
Não querer vozes que roubam  
sementes aéreas lançadas por um arco.  
Não querer viver mil oxigénios  
nímios cruzados no céu.  
Não querer deslocar a minha curva  
sem encerar a folha actual.  
Não querer vencer o íman  
no fim a alpargata desfia-se.  
Não querer tocar abstractos  
chegar ao meu último cabelo castanho.  
Não querer vencer caudas macias  
as árvores situam as folhas.  
Não querer trazer sem caos  
portáteis vocábulos.

## REMINISCÊNCIAS

e o tempo estrangulou a minha estrela  
quatro números giram insidiosos  
enegrecendo as compotas  
e o tempo estrangulou a minha estrela  
caminhava trilhada sobre um poço escuro  
os brilhos choravam os meus verdores  
e eu olhava e eu olhava  
e o tempo estrangulou a minha estrela  
recordar três rugidos de  
ternas montanhas e rádios escuras  
duas taças amarelas  
duas gargantas arranhadas  
dois beijos comunicantes da visão de uma existência a outra existência  
duas promessas gementes de tremendas loquacidades alheias  
duas promessas de não ser sim de ser de não ser  
dois sonhos jogando à roda do destino em redor de um cosmos de  
    champanhe amarelo esbranquiçado  
dois olhares certificando a avidez de uma pequena estrela  
e o tempo estrangulou a minha estrela  
quatro números riem-se em cambalhotas desabridas  
um morre  
um nasce  
e o tempo estrangulou a minha estrela  
sons de nenúfares ardentes  
desligam as minhas futuras sombras  
uma névoa desconcertante preenche o meu ensolarado refúgio  
a sombra do sol tritura a esfinge da minha estrela

as promessas coagulam  
perante o sinal de estrelas estranguladas  
e o tempo estrangulou a minha estrela  
mas a sua essência existirá  
no meu intemporal interior  
brilha essência da minha estrela!

## O MEU BOSQUE

acumular desejos em plantas ingratas  
referir o teu  
em verdor solene  
e então hão-de vir dez cavalos  
puxar a cauda ao vento negro  
moverão as folhas  
as suas crinas molhadas  
e virá a esquadria  
arredondar versos

## UM BILHETE OBJECTIVO

1

entre os sopros de tantas artérias  
remexo à socapa nos bolsos  
do meu blusão  
tratando de achar algo que faça  
flutuar a minha estripada  
aurora

2

olho rostos procuro rostos encontro rostos  
a imagem da sua igualdade arrefece a  
estética  
da janela do eléctrico o meu  
assento é o cimo  
do mundo

3

Voam unhas braços anéis peixes  
vêm sons azuis vermelhos verdes  
desfile que ferve em tremendos  
borbotões  
mas nada altera insinuante a  
segurança no meu  
assento

## DÉDALO JOYCE

Homem funesto de chaves nocturnas e corpo nu junto ao rio profundo de brilhantes disparos. Homem de olhos anti-míopes exploradores de infinidade. Homem de rosto na sombra e corpo génio abstracto. Homem sem medo de pluma na mão nem de olhos em ser nem sorriso supremo. Homem deus chegaste sozinho de infinitudes assombrofantasmais ornado de lágrimas de superioridade vergonhosa. Homem destruidor de tabus e de céus estrelados. Homem dos frágeis vestidos que caem deixando irmãos nus. Homem sem alimento para conceder aos que procuram. Homem de altos mares de sulcos desolados. Homem-barco branco. Homem que arrancaste o vómito para sepultar o mito. Homem de tempo e espaço que arrastam cordatas loucuras. Homem super-homem, frialdade e tibieza em conjunção. Homem.

## PARTIR NUM BARCO NEGRO

as sombras escudam o fumo veloz que  
dança na trama  
deste festival silencioso  
as sombras escondem vários pontos escuros que  
giram e giram entre os teus olhos  
a minha pluma atrasa o TU anelante  
a minha fronte lateja mil vezes o TEU nome  
se os teus olhos pudessem vir!  
aqui sim amor aqui  
entre as sombras o fumo e a dança  
entre as sombras o negro e eu

PARA ALÉM DO ESQUECIMENTO

alguma vez de um costado da lua  
verás cair os beijos que brilham em mim  
as sombras sorrirão altivas  
luzindo o segredo que geme vagueando  
virão as folhas impávidas que  
algum dia foram os meus olhos  
virão as murchas fragrâncias que  
inatas desceram do alado som  
virão as vermelhas alegrias que  
borbulham intensas ao sol que  
arredonda as harmonias equidistantes  
no fumo dançante do cachimbo do meu amor

de  
LA ÚLTIMA INOCENCIA  
(1956)

## SALVAÇÃO

A ilha foge  
E a rapariga volta a escalar o vento  
e a descobrir a morte do pássaro profeta  
Agora  
está o fogo subjugado  
Agora  
estão a carne  
a folha  
a pedra  
perdidas na fonte do tormento  
como o navegante no horror da civilização  
que purifica o cair da noite  
Agora  
a rapariga encontra a máscara do infinito  
e rompe o muro da poesia.

## NOTA DO TRADUTOR

*Fernando Pinto do Amaral*

1. Alejandra Pizarnik fascinou-me desde que a li pela primeira vez há uns vinte anos, ficando depois a conhecê-la ao comprar numa viagem a Cáceres, em 2004 ou 2005, a edição da Lumen de capa castanha, organizada por Ana Becció, à qual desde então volto por fases, de vez em quando, um pouco como se volta a um velho vício que nos chama e a que nos custa dizer não.

Acompanhada por alguns fiéis leitores enquanto foi viva, a poesia de Pizarnik tem vindo a atrair cada vez maior atenção nas últimas décadas, sendo objecto de traduções e estudos em diversos países. É uma daquelas obras às quais não conseguimos ficar imunes, fazendo-nos entrar noutra dimensão de um real que é também o nosso real, marcado pelo amor ou pelo sexo, pela solidão ou pela morte, mas sempre encarado de outra maneira — com outros olhos, outros ouvidos, outras palavras para tentar dizer uma verdade que mora no abismo desse real ou no âmago da linguagem que o transfigura. Uma transfiguração para a qual a experiência da dor se mostra decisiva, estando ao mesmo tempo isenta da retórica sentimental tão frequente na poesia que geralmente conotamos com a «loucura» — ou, quase pelo contrário, levando essa retórica a um extremo em que deixa de ser sentida como tal, pelo grau de autoconsciência que manifesta. Neste

caso, os conflitos de Alejandra consigo mesma (ou com as várias Alejandras que viviam dentro dela) deram-nos uma poesia única e inclassificável, capaz de nos queimar como o gelo ou de nos ferir com o gume mais límpido do nada — um nada que ela conhecia por dentro e que soube transformar com as suas palavras às vezes tão simples, mas por isso mesmo ainda mais terríveis.

2. Esta antologia de poemas resulta de uma selecção feita por Ana Becciu e Patricio Ferrari, que percorre grande parte da obra de Alejandra Pizarnik e a representa já com alguma amplitude para os leitores portugueses. O seu espanhol é muito especial, por usar palavras muito suas, melodias próprias, ritmos próprios — tudo isso que lhe dá o rosto de Alejandra, o ADN da sua linguagem. Mas não é um espanhol particularmente difícil ou complicado, salvo em alguns poemas iniciais, de teor mais experimental, ou em textos tão inclassificáveis como «Sala de psicopatologia», em que para os neologismos do original procurei outros que na nossa língua lhes correspondessem. Em geral, fui conservador, optando por manter o mais possível os efeitos de leitura do original, que é sempre preferível a qualquer tradução. Esta aqui fica, no entanto, como gesto também pessoal de cumplicidade e de homenagem a uma mulher para quem a poesia sempre foi coisa outra e diferente da «poesia» que costuma responder por esse nome.

## ÍNDICE

Prefácio — Ana Becciu e Patricio Ferrari 5

### de *La Tierra Más Ajena* (1955)

Dias contra o sonho	13	Dédalo Joyce	18
Reminiscências	14	Partir num barco negro	19
O meu bosque	16	Para além do	
Um bilhete objectivo	17	esquecimento	20

### de *La Última Inocencia* (1956)

Salvação	23	Balada da pedra que chora	28
A dos olhos abertos	24	Poema para Emily	
Origem	25	Dickinson	29
Unicamente	26	Só um nome	30
A última inocência	27		

### de *Las Aventuras Perdidas* (1958)

A gaiola	33	A queda	38
Festa no vazio	34	Azul	39
Tempo	35	A carência	40
Filha do vento	36	O ausente	41
A única ferida	37		

### de *Árbol de Diana* (1962)

1	45	7	47
6	46	9	48

10	49	26	59
13	50	29	60
14	51	33	61
17	52	34	62
18	53	35	63
19	54	<i>animal lançado no seu rasto</i>	
20	55	<i>mais longínquo</i>	64
23	56	Caroline de Gunderode	65
24	57	<i>Eu canto</i>	66
25	58		

de *Los Trabajos y las Noches* (1965)

Poema	69	Fronteiras inúteis	78
Revelações	70	O coração do que existe	79
No teu aniversário	71	As grandes palavras	80
Amantes	72	Quarto solitário	81
Encontro	73	A verdade desta velha parede	82
Onde circunda o ávido	74	Formas	83
Os trabalhos e as noites	75	Sombra dos dias por vir	84
Sentido da sua ausência	76	Moradas	85
Infância	77	Mendiga voz	86

de *Extracción de la Piedra de Locura* (1968)

Cantora nocturna	89	Resgate	96
Vertigens ou contemplação		Estar	97
de algo que termina	90	As promessas da música	98
Lanterna surda	91	Como água sobre uma pedra	99
Conto de Inverno	92	Num Outono antigo	100
Figuras e silêncios	93	Caminhos do espelho	101
Fragmentos para		Extracção da pedra	
dominar o silêncio	94	da loucura	104
Tête de jeune fille		O sono da morte ou o lugar	
(Odilon Redon)	95	dos corpos poéticos	113

de *El Infierno Musical* (1971)

Cold in hand blues	119	Do outro lado	130
Pedra fundamental	120	A palavra que sara	131
O desejo da palavra	124	L'obscurité des eaux	132
A palavra do desejo	126	Gesto para um objecto	133
Num exemplar de «Les		Endechas	134
Chants de Maldoror»	127	Em perda total	136
Sinais	128	Os possuídos entre	
Fuga em lilás	129	lilases I-IV	137

Poemas não recolhidos em livro & poemas póstumos

(Circa 1962   Paris)		de <i>En Esta Noche En Este Mundo</i>	
<i>Ao longo de todo o dia...</i>	143	Alguém cai na sua	
O sexo, a noite	145	primeira queda	163
<i>Palavras do vento,</i>			
<i>um cavalo vermelho...</i>	147	de <i>Los Pequeños Cantos</i>	
		III	165
(1962-1972)		XV	166
Procurar	149	XIX	167
Em honra de uma perda	150	Nesta noite, neste mundo	168
Densidade	151		
A obscura	152	de <i>Textos de Sombra</i>	
Memorial fantasma	153	Prefácio de sombra (I)	171
[...] do silêncio	154	O entendimento	172
<i>Quer dizer, mas sinto o</i>		Presença de sombra	173
<i>que ela é...</i>	156	Texto de sombra	174
A noite, o poema	157	Sala de psicopatologia	175
Tábua rasa	158	Sous la nuit	183
Affiche	159	Para Janis Joplin	184
Só sinal	160	<i>Ela não espera em si</i>	
Uma palavra	161	<i>mesma...</i>	185

Nota do tradutor — *Fernando Pinto do Amaral* 187



ANTOLOGIA POÉTICA  
de Alejandra Pizarnik  
foi impresso pela Rainho & Neves  
em papel Coral Book de 90 g,  
em Fevereiro de 2020.